

“HUMBERTO D”

Deixo de parte a apreciação técnica do filme, por não me sentir com fôlego para tanto.

E deixo igualmente sem comentário os papéis da dona de casa e da criada, porque isso me levaria onde não quero hoje chegar. V. Ex.^{as} sentirão aliás, como o herói do filme, a mesma indignação perante um modo de viver que repugna aos mais elementares sentimentos de honestidade, embora saibamos todos não serem fantasia de realizadores de filmes aquelas figuras sinistras ou desgraçadas do sub-solo social das nossas grandes cidades.

Concentro-me, por isso, no papel do que foi “senhor Humberto”, para dele retirar as linhas mestras do pensamento social que orientou o filme e levar V. Ex.^{as} à compreensão da tragédia humana que vivemos no mundo moderno.

Humberto é um funcionário público, cumpridor dos seus deveres, que, durante trinta anos, serviu honestamente e com dignidade – porque esta sente-se através de todo o filme – a sua pátria. Atingido pela lei implacável do limite de idade e pela desvalorização da moeda, recebe uma reforma que não lhe dá para viver com a mesma dignidade.

Ele, e outros na mesma situação, organizam um cortejo de protesto. São dispersos pela autoridade. Não há esperança de que esta compreenda a íntima tragédia que se desenrola na alma dos reformados.

Humberto começa então a beber o cálice amargo de todos os proscritos. O seu problema principal é o seu quarto. Para o manter, empenha, vende, cede ao desbarato, o que lhe resta dum passado honesto e cheio de honradez. Desfaz-se de tudo, mesmo do seu cão. E chega mesmo a privar-se do alimento, para o dar ao seu fiel amigo.

Desfazer-se de todas as coisas, é duro. Mais duro ainda – e muito mais – é observar, dia a dia, como todos se desfazem dele. A dona da casa onde alugou um quarto, os antigos companheiros, aqueles a quem prestou serviço noutros tempos, os velhos amigos da infância, todos o abandonam e escorraçam. Desesperado, procura um ou outro amigo, a quem tenta pedir auxílio para manter as duas únicas coisas que lhe restam: o quarto e o cão. Ninguém “compreende”, porque compreender é sacrificar-se.

Empenha-se então em procurar soluções para a sua vida sem solução. Faz-se doente grave para ser recolhido num hospital e assim poupar o dinheiro de que precisa para manter o quarto e o cão. Vendo outros recorrer à esmola, tenta ainda esse último recurso. A sua dignidade de homem, nem essa última esperança lhe consente.

Totalmente derrotado, volta ao seu quarto, sem saber para quê. Nele encontra tudo em obras, para ser alugado à hora – com muito mais rendimento. Com esses proventos do pecado, fazem-se lautos festins, de cujos restos tenta fazer-lhe participar a criada, num gesto de piedade amiga, porque irmãos na desgraça. Não pode o seu nobre espírito aceitar os restos do prazer pecaminoso.

E vem então o desespero. Concebido o plano, tenta salvar o seu único amigo: o cão. Vai entregá-lo a um casal miserável que vive da recolha de animais. Pedem-lhe mais do que ele tem. Tenta confiá-lo a uma criança. Não lho consente o egoísmo duma criada. Toma então a decisão final: ambos morrerão. Mas o cão reage e salva-o. E é a atitude do cão, depois da tentativa desesperada, que o faz retomar coragem, partir de novo para a vida, recuperar optimismo e viver.

Esta a trama do filme, cheia de ensinamentos e profundo tema de meditação. A história de Humberto D. é a história de muitos outros. Depois duma vida de trabalho

honesto, a perspectiva da maior parte é o asilo ou a miséria. Em todo o caso, a decadência social. De homens, a coisas. De pessoas, a números.

Enquanto Humberto pagou – isto é, enquanto trabalhava – teve consideração social. Logo que a sua parca reforma deixou de permitir que pagasse pontualmente, todos o abandonaram. Ficou-lhe um único amigo: o seu cão.

Como tema social, este filme é profundamente realista, porque nos dá o retrato fiel duma sociedade, cujo Deus é o dinheiro, ou como escreveu São Paulo: *cujus Deus venter est*: cujo Deus é o estômago. Duma sociedade que só presta culto à riqueza, isto é, aos que são bafejados pelo sopro da áurea divindade - único deus verdadeiro; em substituição do Verdadeiro Deus.

Dizia Nietzsche no século passado: “Quereis saber o que é feito de Deus? Eu vou-vou-lo dizer: Deus morreu. Nós matámo-lo. Eu e vós! Sim, nós somos todos seus assassinos. Como pudemos nós fazer semelhante coisa? Que fizemos nós, desligando esta terra do seu sol? Para onde irá ela agora? Para onde iremos nós? Não cairemos doravante numa queda que não tem fim? Não erraremos nós através do nada infinito? A noite não se torna de cada vez mais negra? Deus morreu. Deus morreu! E fomos nós que O matamos!”

O profeta da morte de Deus, previa também a decadência do homem num ritmo acelerado. E perante essa decadência inevitável, podia escrever André Malraux: “Disseram-nos que Deus morreu; mas talvez que tenha morrido também o homem”.

“Talvez tenha morrido” é palavra condescendente de mais. A vida de Humberto D. mostra bem que a realidade é mais profunda. Numa sociedade que matou a Deus, mas que teve necessidade de inventar sucedâneos: o ouro, a produção, a técnica, a vontade de potência, os planos quinquenais, (numa prostituição politeísta como nunca houve igual), o homem decide morrer, e quem o salva é o cão. Podia escrever Daniel Rops, num profundo realismo: “Todas as sociedades humanas assentavam em bases sacrais. Só a nossa as recusa. Mas esta civilização ateia, não é ela afinal que, proclamando o homem Deus, e a vida sobre a terra o único Paraíso, chega, de facto, a uma destruição radical do homem e das suas razões de viver?”

O homem é, de facto, a grande vítima das sociedades modernas com todos os seus ídolos. A máquina, a fábrica, a burocracia, a administração, a organização social ultraminuciosa, desumanizam o homem e fazem dele uma coisa. Uma coisa numerada a catalogada como as mercadorias. Uma coisa que se deita para a sucata, quando já usada ou doente. E, nesta destruição do homem, quase se igualam capitalismo e marxismo: ambos máquinas sem Deus construtoras de sociedades sem Deus... e sem homens, como imensos armazéns de máquinas de calcular. O espírito e o coração já não existem para eles.

“Pelos frutos conhecereis a árvore”, ensinou Jesus Cristo. Pois se os frutos da sociedade moderna são o desprezo da dignidade humana, o recalçamento do espírito e o esmagamento do coração, a árvore não serve. Em sua substituição, é preciso plantar outra.

É o problema deixado à reflexão dos novos.

Em pequeno, aprendi a amar e servir a Deus, a quem me ensinaram a chamar Pai. Meu Pai e Pai de todos os homens. No fim das refeições, também me ensinaram a dar graças a Deus, pelo dom do meu sustento. E disseram-me que deveria beijar o pão, porque ele era o pão nosso, o pão de todos os homens, que por todos deveria ser repartido. Mais me disseram que éramos todos irmãos e que o Próprio Deus se fez nosso irmão, nascendo pequenino num presépio abandonado, para nos ensinar a amarmo-nos uns aos outros. E que Ele se vestia de pobre, se fazia doente e se deixava meter nas prisões, para que eu visse em todo o homem que sofre o próprio Deus em agonia, como naquela tarde sangrenta do

Calvário, há dois longos mil anos. E mais me disseram e ensinaram ainda que, se queria ter parte no Reino de Deus, que era um Reino de Justiça, de Paz e Amor, era necessário servir a Deus. Mas como Ele não precisa de mim para nada, que deveria servir os meus irmãos que precisam, porque Deus tomava como serviço Seu o serviço [que] prestasse aos meus irmãos.

Comecei então a ver Deus em todos, sobretudo nos que sofrem, ou na alma ou no corpo. Comecei a pensar também que só poderia amar a Deus, amando até ao sacrifício os meus irmãos, de mim necessitados. E concebi instintivamente um horror por tudo o que desprezava, oprimia, denegria, despedaçava ou esmagava o homem. Mesmo que fosse sob a capa do amor de Deus, como tantas vezes acontece na elegante sociedade que se reúne em divertimentos para, das migalhas que sobram das despesas, tapar a nudez dos corpos, porque a nudez das almas não têm com que as cobrir.

Leram-me também aquela passagem da Velha Escritura, que nunca pude esquecer: “Quem oferece sacrifícios com o dinheiro defraudado aos salários e aos pobres é como quem degola um filho na presença do seu Pai”.

Não sei se me ensinaram mal, se me ensinaram bem. Não sei se os mitos modernos que desprezaram todas estas pequeninas coisas do catecismo, como velharias de tempos de ignorância e de trevas que a luz forte da ciência tenta dissipar, são melhores do que aqueles ensinamentos que aprendi com o leite. Não sei, nem tento sabê-lo. Pelo fruto, conhecereis a árvore. E hoje – e desde há muito – eu tenho passado muito tempo a apanhar do chão os Humbertos e as Marias que a civilização moderna, na sua técnica e na sua ciência altivas, atiram desdenhosamente para a lama, com desprezo total daqueles poucos princípios que aprendi em pequenino. Só sei que há muitos Humbertos derrotados que me procuram e muitas Marias que querem ser mulheres e Mães como as outras, - que não sabem teorias nem doutrinas, nem que coisa é a ciência – mas apenas sabem chorar a dignidade que lhes roubaram e que vêem reclamar como junto de um Tribunal.

E com aquilo que aprendi: se eu pudesse ser Juiz condenaria sem temor a sociedade moderna, que fabrica, em série e desapidadamente, sucatas de homens, como se com elas pudesse algum dia construir o super-Homem de que se diz precursora.

Eu preferia um filme em que todos nós víssemos no Humberto D. um outro Jesus Cristo em sofrimento, e corrêssemos para ele a inquirir dos seus direitos e das aspirações da sua grande e generosa alma, como seus irmãos mais novos, capazes de ganhar para nós e para eles, e produzir tanto e distribuir com tanta justiça e tanta amizade, que não fosse possível fazer-se mais um único filme, em que só os cães ainda são capazes de amar os homens.

Eu prefiro continuar a ensinar o que me ensinaram a mim. Para crer no Homem, para o amar, para lhe dar a esperança e a vida, é preciso primeiro acreditar em Deus nosso Pai, e na fraternidade universal de todos nós em Jesus Cristo, filho de Deus e Irmão do Homem.

Só então poderemos erguer a nossa frente, sem que a tenhamos de baixar nunca, envergonhados diante de um cão.

Abel Varzim (rubrica)

A Ω A Ω A Ω A Ω A Ω A Ω A Ω A Ω